

humanitas



Vol. VII–VIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. IV E V DA NOVA SÉRIE
(VOLS. VII E VIII DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLV-VI

SECÇÃO PEDAGÓGICA

O LATIM NO LICEU PORTUGUÊS (*)

Na vida corrente, as linhas gerais do pensamento de todos nós alimentam-se de um certo número de ideias feitas que raramente nos lembramos de analisar e, ainda menos, de discutir. Só no campo de trabalho em que exercemos a nossa actividade, com mais frequência sentimos o desejo de rever ideias e conceitos que um longo e inalterado hábito nos tornou familiares. E mesmo aí, nem sempre nos resolvemos a fazer o necessário balanço daquilo que consideramos válido, e a pôr de parte o que deixou de sê-lo.

Entre os conceitos que se nos instalam definitivamente no espírito, e que nunca discutimos, está o da distinção entre *língua viva* e *língua morta*. O de *língua viva*, e no que se refere às duas ou três línguas que conhecemos, ou julgamos conhecer, melhor, não vale a pena analisá-lo, por demasiado evidente. O de *língua morta* esse reserva-se, dentro do horizonte dos nossos estudos secundários, para o Latim.

E, no entanto, o Latim não é uma língua mais morta — seja-me permitida a expressão — do que, por exemplo, o português medieval que a maior parte de nós não entende sem esforço, e os menos cultos não entendem mesmo.

O português literário também é muito menos inteligível para as pessoas que apenas sabem ler e escrever, do que normalmente julgamos. Uma página de Camilo ou de Aquilino, até para muitos que se prezam de alguma instrução, pode constituir um verdadeiro enigma, indecifrável sem o auxílio do dicionário. Há que tentar percebê-la, fazendo um esforço que não é muito diferente daquele que exige uma língua pouco conhecida.

Se a língua é viva, na medida em que é entendida, teremos de

(*) Comunicação apresentada ao IV Congresso da União Nacional, em Maio de 1956.

reconhecer que a linguagem literária, em todas as línguas faladas, representa uma secção dessas línguas, que pode ser morta para muitos dos que as falam.

E se vamos a avaliar a vida de uma obra, por exemplo, segundo o número dos que a entendem, chegaremos a conclusões bastante inesperadas: *Os Lusíadas*, por exemplo, a epopeia de que todos falamos, e pouco ou nada lemos, são um poema menos vivo, provavelmente, do que a *Eneida* de Virgílio. A verdade é que o número dos que lêem e entendem o poema latino em todo o mundo é decerto maior do que o dos leitores de *Os Lusíadas*, na sua língua original. E, no entanto, o primeiro está escrito em latim, uma língua a que chamamos morta, e o segundo, numa linguagem literária da língua portuguesa que todos nós aqui presentes falamos.

Reflexões idênticas a estas têm sido feitas para outros idiomas de civilização. Para não alongar mais as presentes considerações, e dar um exemplo acessível, mencionarei o francês (1).

O maior linguista de França, Antoine Meillet, falecido em 1936, escreveu: «Todo aquele que, à custa de longos anos de estudo, não obteve uma cultura superior, é incapaz de manejar esse instrumento [o francês literário] ajustado por espíritos subtis e cultos, formados pela escolástica, alimentados depois pelo conhecimento da antiguidade e enfim pelas subtilezas da ciência e da filosofia, desde o século dezas-seis. Quem não afinou o espírito por uma longa ginástica, não está em condições de escrever o francês com alguma propriedade e expressão... É preciso não ter consciência das dificuldades para se resignar, sem tremer, a escrever uma linha de francês» (*Les langues dans l'Europe nouvelle*, 2.^a edição, 1928, p. 166).

E um ilustre colega de Meillet, o Prof. J. Vendryes, num livro de divulgação muito conhecido (*Le langage*, p. 327), disse: «O francês literário é uma língua aprendida; há um tal afastamento entre ele a e língua falada, que é precisa uma iniciação, muitas vezes, longa, e uma prática das mais atentas...» Por outras palavras — diremos nós —, o francês literário é, para os que o não dominam, uma linguagem mais ou menos morta, do francês corrente.

Deste modo, resta-nos concluir que o conceito de *língua morta* está longe de ser tão fácil de precisar como parece.

(1) Os dois trechos Citados foram-me sugeridos pela leitura do artigo do Prof. N. I. Herescu, *Introduction à une poétique latine in Paideia*, Ano x, p. 294, n. 1.

E para o latim não consideraremos aqui, embora verdadeiras, as razões dos linguistas, segundo as quais as línguas românicas representam a evolução ininterrupta do latim popular que nelas se prolonga sem qualquer solução de continuidade. Busquemos, antes, a vitalidade da língua latina, no seu uso actual.

O latim é uma língua falada e escrita, apenas em meios cultos é certo, mas por muitos. Além de língua oficial e universal da Igreja Católica, é o idioma internacional em que se escrevem teses doutorais de filosofia e letras, em numerosos países. À revista *Humanitas*, do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, chegam constantemente trabalhos destes, de países como a Holanda, a Suécia, a Finlândia, etc., cujos idiomas falados, todos eles línguas vivas, têm muito menos expansão nos meios universitários, do que o latim. Escritos esses trabalhos em holandês, sueco ou finlandês, muito poucos os entenderiam, fora dos respectivos países. E é com um suspiro de alívio que os mando aos recensores da revista, quando, felizmente, me chegam escritos em latim.

O movimento para o uso do latim como língua internacional tem-se intensificado nos últimos anos. E não se circunscreve, como muitos pensam, nem ao Vaticano nem à revista *Latinitas*, fundada a instâncias de Sua Santidade, o Papa Pio XII, para intensificar o uso do latim como língua de intercâmbio entre os povos. O *Congresso Internacional do Latim Vivo* que reunirá em Avinhão, em Setembro próximo, é organizado por universitários de todo o mundo, sem qualquer ligação com o Vaticano.

Diga-se também, a título informativo, que *Latinitas*, a mais recente das revistas totalmente escritas em latim, não é felizmente a única. E recorde-se a tradição, mantida ininterruptamente, de em todo o mundo as universidades fazerem umas às outras as suas comunicações mais solenes, na língua culta da civilização ocidental. Foi em latim que a Universidade de Bolonha saudou há pouco as três universidades portuguesas, e nessa língua comunicaram as celebrações dos centenários respectivos, tanto as Universidades do Novo Mundo, por exemplo, a de Laval, no Canadá, ou as de Sidney e Melbourne, na Austrália, todas fundadas há um século, como a vizinha e gloriosa Universidade de Salamanca, sete vezes secular.

Mas desçamos das alturas do latim das mensagens universitárias para as línguas vulgares, os romances que, saídos do latim popular, são hoje os idiomas novi-latinos. E fixemo-nos, por momentos, no português.

No passado, devemos muito ao latim: foi ele que poliu a «português linguagem», lhe deu o vocabulário da vida intelectual, depois de lhe ter facultado a grande massa das palavras de todos os dias; foi o latim que lhe disciplinou a sintaxe, ensinando-lhe a subordinação e o manejo do período longo, oratório e logicamente correcto. Finalmente, foi o latim que permitiu que o português, a ele recorrendo sem limites nem receios, se individualizasse, crescesse e ombreasse com o poderoso vizinho castelhano. Porque recorrer ao latim foi sempre, e continua sendo ainda hoje, o único meio de enriquecer a nossa língua, sem a abastardar ou desnacionalizar. E parece-me oportuno recordar aqui as palavras de Agostinho de Campos, na *História da Colonização Portuguesa do Brasil* (m, p. 52): «À ameaça tremenda com que nos assustava o castelhano respondeu um admirável instinto patriótico, diligenciando remontar a língua à pureza da fonte originária. *Com pouca corrupção crê que é latina*, disse Camões; e assim resumiu num verso dos *Lusíadas* o sentimento das gerações que, em face do progresso mais rápido e do triunfo avassalador da língua rival e vizinha, ganharam fé e confiança na própria, à força de a suporem primeiro e de a tornarem por último, quanto puderam, mais latina do que aquela.

A língua portuguesa, para se defender e salvar, correu a encostar-se à mãe, e a refugiar-se no seu regaço, como faz a criança ameaçada por um irmão mais crescido e mais forte...»

No latim, e na cultura de que o latim foi veículo, encontramos as raízes profundas da nossa própria cultura.

Como entendem *Os Lusíadas* os nossos estudantes «sem-latim»? Que o digam os professores de português dos liceus.

A verdade é que *Os Lusíadas* — estou disso convencido — são mais fáceis para um italiano ou um espanhol, bons conhecedores de latim e do mundo clássico, do que para um português sem latim.

Mas deixemos os problemas de cultura, uma vez que para muitos a cultura, mesmo este mínimo inerente à nossa condição de civilizados e de ocidentais, é uma espécie de luxo. Voltemo-nos para os domínios do prático e do utilitário.

Ainda aqui, considero que do latim, bem estudado, se pode tirar a vantagem de o seu conhecimento facilitar a aquisição das línguas novi-latinas, do espanhol, do italiano, e do francês. E não apenas destas: o vocabulário internacional da cultura contém um grande número de latinismos, com que a cada passo topam os que l em, por

exemplo, inglês ou alemão. E o próprio conhecimento do português beneficia com o estudo do latim: além de melhor penetrarmos na intimidade das palavras que usamos, de dominarmos mais amplamente as possibilidades semânticas do vocabulário da nossa língua, até ortograficamente aprendemos a escrever português. Que distingue na escrita a palatal de *francês* ou de *timidez*? que separa *sisudo* e *pesado* com *s* de *juízo* e *prezado* com *z*, a não ser a consideração dos étimos latinos destas palavras? E os exemplos podiam ser facilmente multiplicados.

Ninguém põe em dúvida o valor formativo do latim, semelhante ao da matemática, segundo os pedagogos. E não é a formação da inteligência, muito mais do que a mera acumulação de conhecimentos, um dos objectivos primordiais do ensino dos liceus?

Há, porém, os que objectam com igual formação, possível de obter das línguas modernas, além da vantagem da sua utilidade prática. Os que assim argumentam, admitindo que saibam línguas modernas, ignoram decerto o latim, mas o mais vulgar é que tão pouco saibam esta, como aquelas. Grande parte dos que vêm nas línguas modernas possibilidades de formação mental, iguais às do latim, geralmente pouco mais «arranha» do que um bocado de francês. Falam assim, invocando conhecimentos que realmente não possuem. Não é esta, todavia, a única contradição num problema controverso, em época de tantas contradições como a nossa.

O latim, todos o sabem, foi durante séculos o veículo admirável da nossa cultura ocidental, greco-latina e cristã. A segunda pessoa da Santíssima Trindade encarna num momento em que tudo está providencialmente disposto para a sua vinda. A cultura filosófica grega, absorvida pelos pensadores de Roma, e vertida em latim, língua imperial falada das fronteiras da Índia até à Lusitânia, perde o seu tecnicismo especializado e torna-se domínio comum dos homens cultos, *humanitas*. Mais geral, mais acessível, greco-latina, é fecundada pelo mistério da Revelação e torna-se cristã, transmitir do ao Cristianismo, por sua vez, tudo quanto a espiritualidade pagã concebera de mais profundo e de mais sublime. Esta cultura greco-latina e cristã é a verdadeira civilização ocidental.

Não admira, por isso, que o Santo Padre tenha aconselhado vivamente, repetidamente, o estudo do latim, língua de civilização. Em trabalho publicado, há dois anos, nas revistas *Estudos* (n.º 325, 1954), de Coimbra, e *Studium Generale* (i, pp. 354-358) do Porto, citei do

Sumo Pontífice, em defesa do latim, dois trechos verdadeiramente dignos de antologia.

Nesse artigo, apontei igualmente a estranha contradição do nosso tempo: a nova atitude da Rússia, em favor do latim, enquanto países católicos como o nosso — onde, para mais, se fala um idioma novi-latino — parecem dispostos a não ouvir as exortações de Sua Santidade e proscrevem, quase por completo, a língua-mãe do ocidente.

As razões dos soviets foram bem resumidas por D. B. Gregor, no *Times* de 12 de Janeiro de 1954. Ei-las, segundo o professor inglês: «Descobriu-se que o conhecimento do latim era indispensável para o bom entendimento do russo; que ele contribuía para a exactidão do pensamento e da linguagem; que os clássicos do Marxismo sempre o tinham defendido; que Lenine o tinha conhecido e usado; que os professores de línguas modernas estavam mal preparados sem ele; que os candidatos às cátedras de linguística indo-europeia deviam tê-lo estudado; em resumo, que nenhum cidadão soviético está devidamente educado sem latim».

Por sua vez, os alunos das escolas russas em que foi introduzida a língua latina afirmaram — segundo o catedrático madrileno Hernández-Vista, em «Estudios Clásicos», tomo ni, n.º 15 — «que o conhecimento do latim os ajudava a compreender muitas palavras da língua russa e a assimilar as línguas modernas, sobretudo o francês e o inglês».

E o Prof. Hernández-Vista termina, em tom indignado, a sua nota sobre «La enseñanza del Latín en la U.R.S.S.», com estas palavras:

«Que pensam de tudo isto os bárbaros do Ocidente? É possível que quem não sente o peso e a autoridade da nossa tradição cristã, sinta mais respeito ante a autoridade de Marx, Engels e Lenine.

Porque, sabiam os senhores que Marx começou como helenista? Que o seu primeiro trabalho foi uma tese sobre *Diferença da filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro*? Que a sua primeira ideia foi ser professor? Que Homero, juntamente com Dante, Shakespeare, Cervantes, Diderot, gozava da sua preferência? Que Engels utilizou Homero não pouco? Que Marx era um admirador apaixonado da arte grega e que deixou algumas curiosas ideias sobre o assunto?»

Até aqui as palavras de surpresa e justa indignação do catedrático da Universidade de Madrid, Prof. Hernández-Vista, aãte a indiferença do Ocidente, por valores de civilização de que deveria orgulhar-se.

Pela nossa parte, reconheçamos que estas censuras, dirigidas naturalmente à Espanha, se aplicaríam com muito mais propriedade ao

nosso país. Com efeito, a importância que atribuímos à língua universal de Roma — para não falar aqui do grego —, é muito menor do que a que lhe consagram os nossos vizinhos. Acontece mesmo que Portugal é, no Ocidente, talvez o país em que menos latim se estuda. E não se julgue que daí nos resulta prestígio. Ainda há pouco, o Prof. Pierre Boyancé, da Sorbonne, numa revista belga (*Association des Classiques de l'Université de Liège*, 2.^è Année, n. 2, p. 38), citava o caso do ensino secundário português, como exemplo típico dos resultados pouco brilhantes que se tiram de dois anos de latim.

E nessa mesma revista, entre os considerandos de um projecto para intensificar na Bélgica o ensino do grego e do latim, figuram as palavras seguintes: «Estas variadas razões [apontadas atrás] levam a reconhecer ao latim e ao grego um valor formativo excepcional. Se ainda tivéssemos dúvidas, bastaria reler os juízos formulados por muitos homens eminentes: filósofos, homens de ciência, médicos, políticos, literatos afirmam espontaneamente que as línguas antigas são a melhor escola da inteligência. Esta opinião é confirmada pelos números: estatísticas feitas na Alemanha, nos Estados Unidos, na França, revelam a superioridade dos alunos *clássicos* sobre os *modernos*, nos domínios mais diversos, por exemplo, nas ciências aplicadas. Por isso, não surpreende verificar em certos países um renascimento das humanidades antigas: na Alemanha, depois do eclipse que lhes impôs o hitlerismo, o latim e o grego reencontram o seu antigo favor e, na Rússia, o latim foi reintroduzido no ensino secundário».

Devo acrescentar que a referida revista publica as estatísticas pelas quais se verifica a superioridade nos resultados, dos alunos que tiveram estudos clássicos sobre os «sem-latim», na Alemanha, na França e Estados Unidos. Essa mesma superioridade me foi afirmada para a Holanda, pelo Prof. Dr. B. A. Van Groningen, catedrático de Grego da Universidade de Leida e presidente da Academia das Ciências da Holanda, quando da sua estadia recente em Coimbra. Segundo o Prof. Van Groningen, o liceu humanístico goza de tal prestígio no seu país, que por ele passam os estudantes mais dotados do ensino secundário, incluindo os melhores alunos das Faculdades de Ciências.

Estes alunos de Ciências — acrescentarei eu — conhecem decerto bem melhor a língua latina do que os estudantes que nas Faculdades de Letras, em Portugal, têm de frequentar obrigatoriamente latim. Qual deles seria capaz de imitar aquele engenheiro inglês que, há três ou quatro anos, se propunha explicar em latim o funcionamento da

sua fábrica ao ilustre director de um jornal de Lisboa, de visita a Inglaterra?

O técnico britânico não tinha esquecido o seu latim escolar. Em Portugal, uma das queixas mais frequentes daqueles que um dia estudaram algum latim, é a de que, afinal, o esqueceram. E as restantes línguas — para não falar de outras disciplinas — não esquecem também?

«A maioria da gente que aqui me apresentam» — dizia ironicamente um inglês, leitor universitário da sua língua — «é constituída por pessoas que já falaram muito bem o inglês...»

A verdade é que nunca souberam realmente essa língua, como os que esqueceram o latim, provavelmente nunca chegaram a aprendê-lo.

Mas se algum souberam, fixem estas palavras de Georges Duhamel, em *Chroniques des saisons amères* (Paris, 1944, pp. 78-79): «Há muito que não sou capaz de traduzir, por exemplo, Tácito, à primeira vista. Não tem importância, porque não sou especialista, e não é esse o resultado que queriam os bons mestres que me tiraram da ignorância. Uma certa maneira de abordar as dificuldades e de as resolver, o sentimento rigoroso do método, uma necessidade de ordem e de luz, um desejo teimoso de julgar, de raciocinar e de compreender, eis o que os estudos humanísticos deixaram no meu espírito».

Estas as palavras de Duhamel. Por mim, não fatigo mais V.^{as} Ex.^{as}. Quero, porém, ao terminar, fazer votos por que deste Congresso saia a resolução de considerar de novo o lugar devido às Humanidades Clássicas, no ensino liceal português.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO